

calceteiro

Calceteiro

Operário que trabalha no calcamento de ruas ou de outras superfícies com pedras e/ou paralelepípedos.

Trabalhador que faz o revestimento de calçadas com pedras portuguesas, pedras em forma de cubos que formam mosaicos.

Calçada portuguesa

A **calçada portuguesa** ou **mosaico português** (ou ainda **pedra portuguesa** no Brasil) é o nome consagrado de um determinado tipo de revestimento de piso utilizado especialmente na pavimentação de passeios, de espaços públicos, e espaços privados, de uma forma geral. Este tipo de passeio é muito utilizado em países lusófonos.

A calçada portuguesa resulta do calcetamento com pedras de formato irregular, geralmente em calcário branco e negro, que podem ser usadas para formar padrões decorativos ou mosaicos pelo contraste entre as pedras de distintas cores. As cores mais tradicionais são o preto e o branco, embora sejam populares também o castanho e o vermelho, azul cinza e amarelo. Em certas regiões brasileiras, porém, é possível encontrar pedras em azul e verde. Em Portugal, os trabalhadores especializados na colocação deste tipo de calçada são denominados *mestres calceteiros*.

O facto de a rocha mais comum para estabelecer o contraste seja de cor negra, faz com que se confunda a rocha mais utilizada, o calcário negro, com basalto. De facto, existe calcário de várias cores. O basalto apenas é utilizado nas ilhas, onde é abundante, sendo aí os desenhos executados em calcário branco. Quando é basalto, distingue-se pelo maior mate e pela sua maior irregularidade no corte, pois este é muito mais rijo. Simplesmente não é possível executar com o martelo, os detalhes técnicos dos motivos elaborados presentes na calçada lisboeta.

A calçada à portuguesa, tal como o nome indica, é originária de Portugal, tendo surgido tal como a conhecemos em meados do século XIX. Esta é amplamente utilizada no calcetamento das áreas pedonais, em parques, praças, pátios, etc. No Brasil, este foi um dos mais populares materiais utilizados pelo paisagismo do século XIX, devido à sua flexibilidade de montagem e de composição plástica. A sua aplicação pode ser apreciada em projetos como o do Largo de São Sebastião, construído em Manaus no ano de 1901, cujo motivo do tipo mar largo inspirou também o famoso calçadão da Praia de Copacabana (uma obra de do prefeito Paulo de Frontin, expandida por Roberto Burle Marx) ou nos espaços da antiga Avenida Central, ambos no Rio de Janeiro.

História

Apesar dos pavimentos calcetados terem surgido no reino por volta de 1500, a calçada à portuguesa, tal como a entendemos hoje, foi iniciada em meados do séc. XIX. A chamada "**calçada à portuguesa**", em calcário branco e negro, caracteriza-se pela forma irregular de aplicação das pedras. Todavia, o tipo de aplicação mais utilizado hoje, desde meados do séc. XX, designado por "**calçada portuguesa**", é aplicado com cubos, e tem um enquadramento diagonal. "Calçada à portuguesa", e "calçada portuguesa" são coisas distintas.

A calçada começou em Portugal de forma diferente da que hoje é, mais desordenada. São as cartas régias de 20 de Agosto de 1498 e de 8 de Maio de 1500, assinadas pelo rei D. Manuel I de Portugal, que marcam o início do calcetamento das ruas de Lisboa, mais notavelmente o da Rua Nova dos Mercadores (antes Rua Nova dos Ferros). Nessa época, foi determinado que o material a utilizar deveria ser o granito da região do Porto, que, pelo transporte implicado, tornou a obra muito dispendiosa.^[3] O objetivo seria que a Ganga, um rinoceronte branco, ricamente ornamentada, não sujasse de lama com o calcar das suas pesadas patas, o numeroso e longo cortejo, com figurantes aparatosamente

engalanados com as novas riquezas e adornos vindas do oriente, que saía à rua em pleno inverno, aquando do seu aniversário a 21 de Janeiro. A comitiva ficava manifestamente suja, daí a decisão de calcetar as ruas do percurso como forma de dar resposta ao problema. Sendo a única vez no ano em que o rei se mostrava à população vem daí a expressão: "Quando o rei faz anos..."

O terramoto de 1755, a consequente destruição e reconstrução da cidade lisboeta, em moldes racionais mas de custos contidos, tornou a calçada algo improvável à época. Contudo, já no século seguinte, foi feita em Lisboa no ano de 1842, uma calçada calcária, muito mais próxima da que hoje mais conhecemos e continua a ser utilizada. O trabalho foi realizado por presidiários (chamados "grilhetas" na época), a mando do Governador de armas do Castelo de São Jorge, o tenente-general Eusébio Pinheiro Furtado. O desenho utilizado nesse pavimento foi de um traçado simples (tipo zig-zag) mas, para a época, a obra foi de certa forma insólita, tendo motivado cronistas portugueses a escrever sobre o assunto. Em *O Arco de Sant'Ana*, romance de Almeida Garrett, também essa calçada na encosta do mesmo castelo seria referida, tal como em *Cristalizações*, poema de Cesário Verde.

Após este primeiro acontecimento, foram concedidas verbas a Eusébio Furtado para que os seus homens pavimentassem toda a área da Praça do Rossio, uma das zonas mais conhecidas e mais centrais de Lisboa, numa extensão de 8 712 m².

A calçada portuguesa rapidamente se espalhou por todo o país e pelas colónias, subjacente a um ideal de moda e de bom gosto, tendo-se apurado o sentido artístico, que foi aliado a um conceito de funcionalidade, originando autênticas obras-primas nas zonas pedonais. Daqui, bastou somente mais um passo, para que esta arte ultrapassasse fronteiras, sendo solicitados mestres calceteiros portugueses para executar e ensinar estes trabalhos no estrangeiro.

Em 1986, foi criada uma escola para calceteiros (a Escola de Calceteiros da Câmara Municipal de Lisboa), situada na Quinta do Conde dos Arcos. Da autoria de Sérgio Stichini, em Dezembro de 2006, foi inaugurado também um Monumento ao Calceteiro, sito na Rua da Vitória (baixa Pombalina), entre as Rua da Prata e Rua dos Douradores. Actualmente, encontra-se na Praça dos Restauradores, onde foi colocado depois de ter sido vandalizado e recuperado.

Erradicação

Nas últimas décadas, diversas cidades no mundo vêm substituindo suas calçadas históricas, incluindo mosaicos portugueses, por passeios mais práticos e seguros. No caso de Verona e Sevilha, foram adotadas placas de granito e mármore, preservando-se os pisos históricos em faixas laterais.

No Brasil, em 2007, a prefeitura de São Paulo substituiu os mosaicos portugueses da Avenida Paulista, existentes desde 1973, por pisos de concreto. No final de 2017, surgiu a proposta de expandir tal prática para áreas de toda a região central da cidade.

Em 2014 a Câmara Municipal de Lisboa, presidida por António Costa, alegando questões de segurança, conseguiu aprovar na Assembleia Municipal um plano de erradicação da calçada Portuguesa, substituindo-a por lajes de cimento. O mesmo aconteceu na cidade do Porto em 2005. Na sua zona central, a calçada portuguesa, que possuía desenhos que ilustravam a história do vinho do Porto, foi completamente erradicada e substituída por pedras de granito.

A técnica

Os calceteiros tiram partido do sistema de diaclases do calcário para, com o auxílio de um martelo, fazerem pequenos ajustes na forma da pedra, e utilizam moldes para marcar as zonas de diferentes cores, de forma a que repetem os motivos em sequência linear (frisos) ou nas duas dimensões do plano (padrões).

A geometria do século XX demonstrou que há um número limitado de simetrias possíveis no plano: 7 para os frisos e 17 para os padrões.^{[6][7]}

Em Lisboa, um trabalho de jovens estudantes portugueses registou, nas calçadas da cidade, 5 frisos e 11 padrões, atestando a sua riqueza em simetrias.^[8]

Destacam-se as técnicas de aplicação de calçada mais comuns:

- a antiga calçada à portuguesa, que se caracteriza pela forma irregular de aplicação das pedras;
- o malhete, semelhante mas com mais espaço entre as pedras;
- a calçada portuguesa clássica, que tem uma aplicação em diagonal, segundo um alinhamento de 45 graus com os muros ou lencis;
- a calçada à fiada, com as pedras alinhadas em filas paralelas;
- a calçada circular ; a calçada sextavada;
- a calçada artística, que se caracteriza pela aplicação de pedras com formatos específicos e/ou pelo contraste de cores;
- o mar largo;
- o leque segmentado ;
- o leque florentino ;
- e o rabo de pavão.



Malhete



Rua de Cedofeita, Porto



Plaza de España, Olivença



Praça dos Restauradores, Lisboa, de João Abel Manta



Ondas



Padrão mar largo, na praia de Copacabana, Rio de Janeiro



Palácio de São Paulo na Ilha de Moçambique



Largo do Senado, Macau



Calçada de Ipanema



Calçada portuguesa em Lisboa, Portugal



Museu do Ipiranga, São Paulo



Rosácea sextavada com simetria



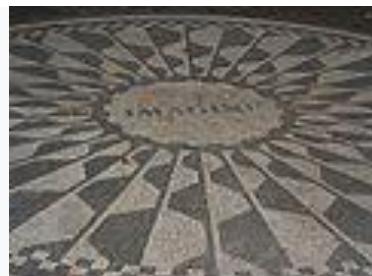
Parque das Nações, Lisboa



Avenida de Portugal em Madrid



Praça Generoso Marques, Curitiba



Strawberry Fields, memorial a John Lennonno Central Park



Brasão, Fonte da Pedra, Santarém



Brasão heráldico da vila da Calheta, Açores



Rosa dos ventos, em São Jorge, Açores



Rosa dos ventos em Gibraltar



Rosa dos ventos



Caravela, Topo, Açores



Siglas poveiras, Póvoa de Varzim



Rainha Santa Isabel, Coimbra



Mosaico Amália Rodrigues, do mosaicista Miguel Gouveia



Calceteiro



Minnie e o Rato Mickey, em Calheta, Açores]]